

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora
instagram.com/marcador_editora

© 2017
Direitos reservados para Marcador Editora,
uma empresa Editorial Presença
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

Copyright © Yanis Varoufakis 2017
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma
sem permissão por escrito do proprietário legal.

Título original: *Adults in the Room – My Battle With Europe’s Deep Establishment*
Autor: Yanis Varoufakis
Tradução: Pedro Cordeiro
Revisão: Tiago Marques/Editorial Presença
Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.
Capa: Duarte Lázaro/Marcador Editora
Imagem da capa: Twocom/ Shutterstock
Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal n.º 433 041/17

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2017

ÍNDICE

Uma nota sobre citações	9
Prefácio	11
PARTE UM — INVERNOS DO NOSSO DESCONTENTAMENTO	15
1. Introdução	17
2. Resgatistão	29
3. Retesam a língua como um arco	60
4. A marcar passo	93
5. Revolta contra a morte da luz	121
PARTE DOIS — PRIMAVERA INVENCÍVEL	151
6. Começa... ..	153
7. Fevereiro auspicioso	181
8. O frenesi antes da tormenta	219
9. Um momento para saborear, sombriamente	244
10. Desmascarados	275
11. Desbaratando a primavera	297
12. O feitiço de Merkel	322
13. Coisas certas arruinadas	341
14. O mês mais cruel	360
PARTE TRÊS — FIM DE PARTIDA	387
15. Contagem decrescente para a perdição	389
16. Os adultos da sala	414
17. Leões liderados por burros	432
Epílogo	459
Agradecimentos	467
Apêndices	469
Notas	481

1.

INTRODUÇÃO

A única cor que se destacava no baço bar do hotel era a de um líquido âmbar que borbulhava no copo à sua frente. Mal me aproximei, ergueu o olhar para me cumprimentar com um aceno de cabeça antes de voltar a olhar para o seu copo de uísque. Espejei-me no sofá confortável, exausto.

Como que a dar um sinal, a sua voz familiar soou rabugenta e imponente. «Yanis», disse, «cometeste um grande erro».

Numa profunda noite de primavera, paira uma suavidade sobre Washington, DC, inimaginável durante o dia. Enquanto se esfumam políticos, lobistas e transeuntes, o ar esvazia-se de tensão e os bares ficam abandonados aos poucos que não têm motivo para se levantarem de madrugada e aos ainda menos cuja carga de problemas impede o sono. Naquela noite, como nas 81 noites anteriores, ou mesmo nas 81 noites que se seguiriam, eu estava no último grupo.

Tinha demorado 15 minutos a caminhar, envolto em escuridão, do n.º 700 da rua 19 NW, sede do Fundo Monetário Internacional, até ao bar do hotel onde me ia encontrar com ele. Nunca imaginara que um passeio curto e solitário pela incaracterística Washington pudesse ajudar tanto a repor as forças. A perspetiva de conhecer o grande homem reforçava a minha sensação de alívio: passadas 15 horas à mesa com gente poderosa demasiado banal ou demasiado assustada para dizer o que lhe ia na alma, estava prestes a conhecer uma figura de enorme influência em Washington e mais além, um homem que ninguém pode acusar de banalidade ou timidez.

Tudo isso mudou com a sua amarga declaração inicial, que a luz desmaiada e as sombras em movimento tornavam mais arrepiante.

Fingindo perseverança, retorqui: «E que erro foi esse, Larry?»

«Ganhaste as eleições», foi a sua resposta.

Estávamos em 16 de abril de 2015, mesmo a meio do breve período em que fui ministro das Finanças da Grécia. Menos de seis meses antes, vivia a vida de um académico, a dar aulas na Faculdade Lyndon B. Johnson de Assuntos Públicos da Universidade do Texas, em Austin, com uma licença da Universidade de Atenas. Em janeiro, contudo, a minha vida mudara significativamente, ao ter sido eleito deputado ao parlamento grego. Fizera

apenas uma promessa de campanha: fazer tudo quanto estivesse ao meu alcance para libertar o meu país da escravidão da dívida e da austeridade esmagadora que lhe era imposta pelos seus vizinhos europeus e pelo FMI. Fora essa promessa que me trouxera àquela cidade e — com a ajuda da minha colaboradora próxima Elena Paraniti, que negociara a reunião e me acompanhara naquela noite — àquele bar.

Sorrindo perante o seu humor seco e para ocultar a minha trepidação, o meu pensamento imediato foi se era assim que ele pretendia consolidar a minha determinação contra um império inimigo. Consolou-me a memória de que o septuagésimo primeiro secretário do Tesouro dos Estados Unidos e o vigésimo sétimo reitor de Harvard não ficou conhecido por um estilo brando.

Decidido a adiar por mais alguns momentos os assuntos sérios que tínhamos pela frente, fiz sinal ao empregado do bar para pedir um uísque para mim e disse: «Antes de me falar do meu “erro”, deixe-me referir, Larry, a importância das suas mensagens de apoio e conselho nas últimas semanas. Sinto-me verdadeiramente grato. Especialmente porque me referi a si, durante anos, como Príncipe da Escuridão.»

Inalterado, Larry Summers respondeu: «Pelo menos tu chamaste-me príncipe. Já me chamaram coisas piores.»

Durante as horas seguintes a conversa tornou-se séria. Falámos de questões técnicas: conversões de dívida, política orçamental, reformas de mercado, bancos «maus». Na frente política, alertou-me para o facto de eu estar a perder a guerra da propaganda e disse que «os europeus», como designava as potências europeias, viriam atrás de mim. Sugeriu, com o que concordei, que qualquer novo acordo para o meu país, há muito em sofrimento, deveria ser apresentável pela chanceler alemã aos seus eleitores como ideia sua e seu legado pessoal.

As coisas corriam melhor do que eu esperara, com um acordo alargado sobre tudo o que importava. Não fora tarefa fácil assegurar o apoio do formidável Larry Summers no combate contra as poderosas instituições, governos e grupos de comunicação que exigiam que o meu governo se rendesse e entregasse a minha cabeça numa bandeja de prata. Finalmente, depois de concertarmos os nossos passos seguintes, e antes de os efeitos combinados da fadiga e do álcool nos terem forçado a declarar a noite encerrada, Summers olhou intensamente para mim e fez uma pergunta tão bem ensaiada que suspeitei que já a tivesse usado para testar outros¹.

«Há dois tipos de políticos», afirmou. «*Insiders* e *outsiders*. Os *outsiders* dão prioridade à liberdade para contarem a sua versão da verdade. O preço da sua liberdade é serem ignorados pelos *insiders*, que são quem toma as decisões importantes. Já os *insiders* seguem uma regra sacrossanta: nunca se

viram contra outros *insiders* e nunca falam com *outsiders* sobre o que os *insiders* dizem ou fazem. A sua recompensa? Acesso a informação interna e uma oportunidade, mesmo sem garantias, de influenciar pessoas poderosas e desfechos.» Com isto, Summers chegou à sua pergunta: «Então, Yanis, qual dos dois és tu?»

O instinto impeliu-me a responder com uma única palavra; acabei por empregar algumas mais.

«Por natureza, sou um *outsider*», comecei. Logo acrescentei, à pressa: «Mas estou preparado para abafar a minha natureza se isso ajudar a forjar um novo acordo para a Grécia que liberte o nosso povo da prisão da dívida. Não tenha dúvidas sobre isto, Larry: vou-me comportar como um *insider* natural o tempo que for preciso para conseguir ter um acordo viável em cima da mesa — para a Grécia, mas também para a Europa. Mas, se os *insiders* com quem ando a lidar não estiverem dispostos a libertar a Grécia da sua eterna escravidão da dívida, não hesitarei em denunciá-los — para me voltar para fora, que é, em todo o caso, o meu habitat natural.»

«Parece-me justo», disse ele, após uma pausa pensativa.

Levantámo-nos para sair. Os céus tinham-se aberto durante a nossa conversa. Acompanhei-o até ao táxi enquanto a enxurrada ensopava as minhas roupas primaveris num lapso de segundos. Enquanto o táxi acelerava, tive a oportunidade de realizar um sonho selvagem que alimentava e que me mantivera operacional durante as intermináveis reuniões dos dias e semanas anteriores: caminhar sozinho, anónimo, à chuva.

Abrindo caminho por entre a cortina de água, numa solidão cristalina, ponderei o encontro anterior. Summers era um aliado, ainda que relutante. Não tinha tempo para a política esquerdista do meu governo, mas compreendera que a nossa derrota não era do interesse da América. Sabia que as políticas económicas da Zona Euro eram não só atroztes para a Grécia como terríveis para a Europa e, por extensão, também para os Estados Unidos. Sabia, ainda, que a Grécia era um mero laboratório onde estas políticas falhadas estavam a ser testadas e desenvolvidas antes de serem aplicadas a toda a Europa. Foi por isso que Summers estendeu a mão para me ajudar. Falávamos a mesma linguagem económica, apesar das diferentes ideologias políticas, e não tivéramos dificuldade em alcançar um acordo rápido sobre os nossos objetivos e táticas. No entanto, a minha resposta incomodara-o claramente, mesmo que ele não o mostrasse. Tive a impressão de que teria entrado muito mais feliz no táxi se eu tivesse expressado algum interesse em tornar-me um *insider*. Como confirma a publicação deste livro, não havia qualquer probabilidade de isso suceder.

De volta ao hotel, a secar e com duas horas até o despertador me chamar de novo à primeira linha, refleti com grande ansiedade: como é que os

meus camaradas lá na Grécia, o núcleo duro do nosso governo, responderiam à pergunta de Summers, do fundo do coração? Nessa noite estava determinado a acreditar que dariam a mesma resposta que eu.

Passadas menos de duas semanas, comecei a ter as minhas primeiras dúvidas genuínas.

Supercaixas negras

Yiorgos Chatzis desapareceu em 29 de agosto de 2012. Foi visto pela última vez na repartição da segurança social na pequena vila de Siatista, no norte da Grécia, onde lhe disseram que o seu subsídio de incapacidade de 280 euros fora suspenso. Testemunhas oculares contaram que não proferiu uma palavra de protesto. «Parecia atordoado e não disse uma só palavra», contou um jornal. Pouco depois, utilizou o telemóvel uma última vez para ligar à mulher. Não estava ninguém em casa, pelo que deixou uma mensagem: «Sinto-me inútil. Não tenho mais nada para te dar. Toma conta dos miúdos.» Dias mais tarde o seu corpo foi descoberto numa zona de bosque longínqua, pendurado pelo pescoço sobre uma ravina, com o telemóvel no chão ali perto.

A vaga de suicídios desencadeada pela grande depressão grega chamara a atenção da imprensa internacional alguns meses antes, depois de Dimitris Christoulas, um farmacêutico reformado de 77 anos, se ter suicidado com um tiro, perto de uma árvore no meio da praça Syntagma de Atenas, deixando um manifesto político de romper o coração, contra a austeridade. Noutros tempos, a dor digna e silenciosa dos entes queridos de Christoulas e Chatzis teria gerado um silêncio envergonhado até ao meirinho mais duro, só que no Resgatistão, termo satírico com que designo a Grécia pós-2010, os nossos meirinhos mantêm-se a uma certa distância das suas vítimas, barricando-se em hotéis de cinco estrelas, zarpando em comitivas com bate-dores e acalmando os nervos, ocasionalmente vacilantes, com projeções sem base estatística sobre a retoma económica.

Durante esse mesmo ano, 2012, três longos anos antes de Larry Summers me dar a tal lição sobre *insiders* e *outsiders*, a minha companheira, Danae Stratou, apresentou uma instalação artística numa galeria da baixa de Atenas. Chamou-lhe «É Tempo de Abrir as Caixas Negras!». O trabalho incluía cem caixas pretas metálicas dispostas geometricamente no chão. Cada uma delas continha uma palavra escolhida por Danae entre os milhares que os atenienses tinham doado através das redes sociais, em reação à sua pergunta: «Numa palavra, de que tem mais medo, ou que coisa quer mesmo preservar?»

A ideia de Danae é que, ao contrário, por exemplo, da caixa negra de um avião caído, estas caixas deveriam ser abertas antes que fosse demasiado tarde. A palavra que os atenienses tinham escolhido, acima de todas as demais, não passava por emprego, pensões ou poupanças. O que mais receavam perder era a dignidade. A ilha de Creta, cujos habitantes são conhecidos pelo seu orgulho, assistiu ao mais alto número de suicídios desde o início da crise. Quando a depressão se aprofunda e as vinhas da ira crescem, «amadurecendo para a vingança», o que traz maior desespero é a perda da dignidade.

No excerto do catálogo que escrevi para a exposição, esbocei uma comparação com outro tipo de caixa negra. Em termos de engenharia, escrevi, a caixa negra é um aparelho ou sistema cujo funcionamento interno é opaco para nós, mas cuja capacidade de transformar contributos em resultados compreendemos e usamos com fluência. Um telemóvel, por exemplo, é fiável no que toca a converter movimentos dos dedos numa chamada telefónica ou na chegada de um táxi, mas, para a maioria, embora não para os engenheiros elétricos, o que acontece dentro de um *smartphone* é um mistério. Como afirmaram os filósofos, as mentes das outras pessoas são as caixas negras por excelência: em última análise, não fazemos ideia do que está, precisamente, dentro da cabeça de outrem (durante os 162 dias que este livro cobre, dei por mim, não raro, a desejar que as pessoas à minha volta, sobretudo os meus camaradas de armas, fossem menos parecidos com caixas negras neste aspeto).

Depois há aquilo a que chamo «supercaixas negras», cujo tamanho e importância é tão grande que mesmo quem as criou não compreende cabalmente o seu funcionamento interno: por exemplo, derivações financeiras cujos efeitos não são verdadeiramente compreendidos mesmo pelos engenheiros financeiros, que as conceberam, os bancos globais e grupos multinacionais cujas atividades raramente são captadas pelos seus CEO e, é claro, governos e instituições supranacionais como o Fundo Monetário Internacional, dirigidos por políticos e burocratas influentes que podem ocupar cargos mas raramente exercem o poder. Também eles convertem contributos — dinheiro, dívida, impostos, votos — em resultados — lucro, formas mais complicadas de dívida, cortes nos subsídios sociais, políticas de saúde e educação. A diferença entre essas supercaixas negras e o humilde *smartphone* — ou mesmo os demais humanos — é que, enquanto a maioria de nós não tem praticamente nenhum controlo sobre os seus contributos, os respetivos resultados moldam as nossas vidas.

Esta diferença é resumida numa única palavra: poder. Não o tipo de poder associado à eletricidade ou à força esmagadora das ondas do oceano, mas outro poder, mais subtil e mais sinistro: o poder detido pelos *insiders*

que Larry Summers mencionava mas que temia que eu não estivesse disposto a acolher, o poder da informação oculta.

Durante e depois dos meus dias no ministério, as pessoas perguntavam-me constantemente: «O que é que o FMI queria da Grécia? Os que resistiam ao alívio da dívida faziam-no por causa de uma qualquer agenda ilícita e escondida? Trabalhavam em nome de empresas interessadas em saquear a infraestrutura da Grécia — os seus aeroportos, estâncias balneares, empresas telefónicas e outras?» Se ao menos as questões fossem tão simples...

Quando surge uma crise de grande escala, é tentador atribuí-la a uma conspiração entre poderosos. Vêm à mente imagens de salas cheias de fumo com homens astutos (e ocasionalmente mulheres) a definir como podem lucrar à custa do bem comum e dos mais fracos. Essas imagens são, contudo, ilusões. Se as nossas circunstâncias bruscamente deterioradas podem ser atribuídas a uma conspiração, os membros da mesma nem sequer sabem que fazem parte dela. O que muitos sentem como uma conspiração dos poderosos é simplesmente a propriedade emergente de qualquer rede de supercaixas negras.

As chaves dessas redes de poder são a exclusão e a opacidade. Lembrem-se da ética de «a ganância é ótima» de Wall Street e da City de Londres nos anos anteriores à implosão de 2008. Muitos bancários decentes estavam muito preocupados com o que viam e faziam. Mas, quando lhes chegaram às mãos provas ou informação que antevia desenvolvimentos terríveis, depararam com o dilema de Summers: divulgá-la a *outsiders* e tornarem-se irrelevantes; guardá-la para si e tornarem-se cúmplices; ou aceitar o seu poder, trocando-a por outra informação detida por outrem, gerando uma imprevista aliança de duas pessoas que intensifica o poder dos indivíduos na rede mais vasta de *insiders*. À medida que mais informação sensível é trocada, esta aliança de duas pessoas tece laços com outras alianças similares. O resultado é uma rede de poder dentro de outras redes pré-existentes, que envolvem participantes que conspiram de facto sem serem conspiradores conscientes.

Sempre que um político que está «por dentro» dá a um jornalista um exclusivo em troca de uma notícia particular que é do interesse do político, o jornalista fica adicionado, ainda que inconscientemente, a uma rede de infiltrados. Sempre que um jornalista se recusa a enviar a sua história a favor do político, arrisca-se a perder uma fonte valiosa e a ser excluído dessa rede. É assim que as redes de poder controlam o fluxo de informação: cooptando os *outsiders* e excluindo os que se recusam a alinhar. Evoluem organicamente e são orientados por uma motivação suprainstintiva que

nenhum indivíduo é capaz de controlar, nem sequer o presidente dos Estados Unidos, o CEO do Barclays ou os que dirigem os nós cruciais do FMI ou dos governos nacionais.

Uma vez apanhados nesta teia de poder, é preciso uma disposição heroica para alguém se tornar denunciante, especialmente se o próprio nem consegue ouvir-se pensar por entre a cacofonia do muito dinheiro que há a ganhar. Os poucos que desfazem a unanimidade acabam como estrelas cadentes, rapidamente esquecidos por um mundo distraído.

É fascinante constatar que muitos *insiders*, especialmente os que estão mais vagamente presos à rede, não fazem ideia da teia que reforçam, graças aos contactos relativamente escassos que com ela mantêm. Da mesma forma, os que estão embebidos no cerne da rede estão, habitualmente, demasiado imiscuídos para reparar que não há um exterior. Raros são os que têm suficiente astúcia para reparar na caixa negra quando vivem e trabalham dentro dela. Larry Summers é um desses raros *insiders*. A pergunta que me fez foi, na verdade, um convite a rejeitar a sedução do lado de fora. Subjacente ao seu sistema de crenças estava a convicção de que o mundo só pode ser melhorado a partir do interior da caixa negra.

Mas era nisso que, a meu ver, ele se enganava.

Teseu perante o labirinto

Até 2008, enquanto as supercaixas negras funcionaram de forma estável, vivemos num mundo que parecia equilibrado e autorregenerado. Foram tempos que o ministro das Finanças britânico Gordon Brown celebrava como o fim da «expansão e quebra» e que o futuro presidente da Reserva Federal Ben Bernanke anunciava como de Grande Moderação. É claro que era tudo uma ilusão gerada pelas supercaixas negras cuja função ninguém compreendera, sobretudo os *insiders* que as conduziam. Depois, em 2008, ruíram de forma espetacular, provocando o 1929 da nossa geração, para não falar do descalabro grego.

É minha opinião que a crise financeira de 2008, que ainda está conosco após quase uma década, se deveu à falência terminal das supercaixas negras do mundo — das redes de poder, das conspirações sem conspiradores, que moldam as nossas vidas. A cega crença de Summers de que os remédios para esta crise surgirão dessas mesmas redes alquebradas, através das ações normais dos *insiders*, pareceu-me, mesmo então, comoventemente ingênua. Talvez isso não seja surpreendente. Afinal de contas, três anos antes eu tinha escrito no catálogo de Danae que «abrir estas supercaixas negras tornou-se, agora, um pré-requisito para a sobrevivência da decência,

de camadas inteiras de humanos nossos semelhantes, e mesmo do nosso planeta. Dito de forma simples, esgotaram-se-nos as desculpas. É tempo, pois, de abrir as caixas negras!». Em termos reais, porém, o que é que isso implicava?

Primeiro, temos de adquirir a disposição para reconhecer que cada um de nós pode muito bem já ser um nó na rede; um ignorante que, de facto, é conspirador. Segundo, e é esta a genialidade da Wikileaks, se conseguirmos entrar na rede, como Teseu entrou no labirinto, e perturbar o fluxo de informação; se conseguirmos fazer com que o receio de fugas incontrolláveis de informação penetre a mente do maior número de membros possível, as redes de poder não responsabilizáveis e avariadas rirão sob o seu próprio peso e irrelevância. Terceiro, há que resistir a qualquer tendência para substituir as velhas redes fechadas por redes novas.

No momento em que entrei no tal bar de Washington, passados três anos, moderara a minha posição. A minha prioridade não era divulgar informação aos de fora, mas fazer o que fosse necessário para retirar a Grécia da prisão dos devedores. Se isso significasse fingir estar por dentro, tudo bem. Mas, no momento em que o preço da admissão no círculo dos *insiders* fosse a aceitação do encarceramento permanente da Grécia, eu sairia. Estender um fio de Ariadne no labirinto dos *insiders* e estar pronto para o seguir até à saída é, creio, um pré-requisito para a dignidade de que depende a felicidade do povo grego.

No dia a seguir ao meu encontro com Larry Summers, conheci Jack Lew, o então secretário do Tesouro dos EUA. Depois da nossa reunião no Tesouro, um funcionário que me acompanhou à saída espantou-me com um aparte amigável: «Senhor ministro, sinto a necessidade de o avisar que dentro de uma semana enfrentará uma campanha de assassinio de carácter vinda de Bruxelas.» O discurso motivador de Larry sobre a importância de ficar dentro da tenda proverbial, e o seu aviso de que estávamos a perder a guerra mediática, tornaram-se repentinamente cristalinos.

É claro que não foi grande surpresa. Os *insiders*, escrevera eu em 2012, iriam reagir com agressividade contra quem quer que se atrevesse a abrir a sua supercaixa negra para toda a gente ver: «Nada disto vai ser fácil. As redes vão reagir com violência, como já estão a fazer. Hão de tornar-se mais autoritárias, mais fechadas, mais fragmentadas. Vão ficar cada vez mais preocupadas com a sua própria “segurança” e com o monopólio da informação, confiando menos nos cidadãos comuns.»²

Os capítulos seguintes relatam a reacção violenta das redes à minha recusa teimosa em trocar a emancipação da Grécia por um lugar privilegiado dentro de uma das caixas negras deles.